

“Marés de memórias” ou “memórias de Marés”

Foi preciso coragem para começar essa caminhada, mas também, é preciso coragem para finalizar a mesma, ou melhor, encerrá-la “provisoriamente”. Um objeto de estudo tão querido e tão trabalhado deve ser deixado, no mínimo em descanso... Depois do imenso caminho percorrido chegamos a algumas conclusões e muitas reflexões. Quantas histórias vividas, quanto estudo e interlocuções postas, quantas trocas intelectuais e afetivas, mas a hora é de saber encerrar, para que possamos à frente continuar nossas buscas e inquietações acadêmicas e existenciais...

O objetivo básico desta tese foi identificar e analisar a dimensão educativa do Museu da Maré através da resignificação da história e da construção das memórias locais podendo, facilitar um empoderamento identitário de grupos populares através de um museu comunitário.

Sendo assim, diversas interrogações foram colocadas na introdução desta pesquisa. Tentaremos então, retomá-las à luz da teoria e dos dados encontrados no trabalho de campo. Iniciarei analisando as questões gerais e deixarei as duas primeiras interrogações, escritas na Introdução desta tese, por último.

Quanto às questões levantadas - *O que é um museu comunitário? Museu comunitário e ecomuseu são sinônimos?* – nos deparamos com divergências entre alguns autores, para Varine (2005) ecomuseu e museu comunitário são a mesma coisa, já para Chagas (2000) e outros, são diferentes, pois o ecomuseu envolve além do patrimônio e protagonismo comunitário, a existência do território físico propriamente dito. Desse modo, concordo com Chagas e entendo ser o Museu da Maré um significativo exemplo de um museu comunitário, o que nada o impede de vir a se desdobrar num ecomuseu, caso o espaço geográfico de seu território mais amplo venha a ser incorporado às delimitações do seu espaço museográfico atual.

As nossas reflexões sobre *Como e por que surgem os museus comunitários no Rio de Janeiro? Em que contexto?* levaram-nos a analisar que algumas comunidades populares, como a Favela da Maré e outras, que sofrem há muito tempo, ou melhor, quase sempre, um enorme descaso do poder público e da sociedade em geral, passaram a se organizar e reivindicar através do movimento social melhores condições e qualidade de vida, isto estende-se também, aos bens

culturais. Tais museus surgem num contexto brasileiro de maior democratização da luta social e política a partir da década de 80 pelos acessos aos bens básicos do cidadão, inclusive as práticas culturais. Os museus comunitários surgem na esteira das reivindicações dos movimentos sociais liderados pelo protagonismo comunitário. De certa forma isto já nos encaminha a responder a nossa oitava inquietação, ou seja: *Como foram construídos? A comunidade participou da seleção dos objetos/ fatos históricos que desejam lembrar ou esquecer?*

No caso do Museu da Maré, como um museu comunitário, encontramos a participação da comunidade em diversos momentos desde sua criação. Se por um lado, jovens moradores da região da Maré fundaram o CEASM e a Rede de Memória, que vêm a dar origem ao Museu da Maré, este também foi por eles criado; por outro lado, encontramos a presença da comunidade em geral não só na sua criação, doando objetos e auxiliando na mesma, como comprovamos na participação de antigos moradores e lideranças locais, como “Seu” Atanásio e “Seu” Jaqueta. Além disso, em nossas observações de campo nos deparamos a todo o momento com a frequência da comunidade num entra e sai de crianças e adultos no Museu, desde os cursos oferecidos, bem como a presença assídua das crianças às rodas de leitura e à Biblioteca Elias José. Os moradores também estão presentes nas palestras, cinema, visitas de escolas da redondeza às exposições permanente e temporárias, aos eventos como “Maré de Samba” etc.

Assim sendo, a primogenitude do Museu da Maré se dá não por ser um primeiro museu de favela do Brasil, mas por ser o primeiro museu de favela criado pela população local, onde há de fato um protagonismo comunitário, como nos confirma o trecho de Chagas & Abreu (2007) abaixo:

“A novidade, no entanto, não residia no fato de o Museu da Maré ser o primeiro museu criado dentro de uma favela. Em 1996, por exemplo, foi criado o Museu da Limpeza Urbana – Casa de Banhos Dom João VI, situado no bairro-favela do Caju, (...). Todavia, tanto o Museu da Limpeza Urbana, administrado pela Companhia de Limpeza Urbana – Comlurb como no projeto Museu ao Ar Livre do Morro da Providência, administrado pela prefeitura, não são as comunidades locais que estão no centro dos interesses, das discussões e das ações administrativas e gerenciais. O que a imprensa de modo singelo sublinhava não era a primogenitura de um museu dentro de uma favela, mas a primogenitura de um museu sediado numa megafavela, construído e administrado pela comunidade local, que trataria de temas locais e universais (...).” (id, p.131)

Simultaneamente a essas questões, constatamos a preocupação com a narração da história e da construção das memórias locais, não só na exposição museográfica permanente, como no material analisado das falas e depoimentos das entrevistas de seus diretores e funcionários. Nesse rico material coletado em campo encontramos por parte de seus diretores e funcionários a intenção e busca de uma “memória feliz” (Ricoeur, 2007), ou seja, na construção de uma memória justa, de uma memória que insiste em se fazer presente na “contramão” da história oficial, valorizando a luta e resistência daquelas comunidades da Maré em prol não só de sua sobrevivência - quer aterrando os alagados, quer construindo suas casa de alvenaria etc - ou sonhando com o exercício de uma cidadania mais plena (Candau, 2002).

As reflexões acima sobre as memórias construídas e histórias narradas no Museu da Maré nos levam a outros questionamentos que me propus ao iniciar este trabalho, como: *Que conceito(s) de identidade(s) eles representam? Será que esses museus representam de fato a(s) identidade(s) presentes naquela(s) comunidade(s), ou apenas a identidade dominante no local? A(s) comunidade(s) se sentem representadas nesses museus?* Essas perguntas “engessadas” são escorregadias e perigosas, mas procurei desvelá-las gradativamente e com cautela. Primeiramente ficou claro que o Museu da Maré não pretende representar todas as comunidades da Maré plenamente, assim como poderíamos afirmar que o Museu Nacional também não representa todo o Brasil, mas uma narrativa possível entre outras.

Os diretores e fundadores do Museu da Maré deixam claro nas entrevistas a intenção de valorizar a história local e memórias construídas, a fim de provocar uma reflexão que envolve a vida deles e dos outros, destacando alguns elementos: a luta pela terra, pela moradia, a questão da violência hoje. Aspectos que podem perpassar a maioria das comunidades cada qual do seu jeito e dependendo de se sua história. De certa forma, os 12 tempos temáticos do Museu representam esses elos entre as comunidades. Ao estudarmos a história de cada comunidade da Maré (Vieira, 2008), fica claro o que Silva (2006) nos mostra como sendo o tecido social e histórico que compõe o mosaico com nuances diferenciadas desde a origem da formação do bairro da Maré. Portanto, seria impossível representar todas as identidades locais, ou fixá-las numa identidade dominante na região. Lourenço em sua entrevista afirma que os objetos do Museu são como “as

palavras geradoras” de Paulo Freire, dinamizadoras de lembranças e sentimentos de busca de si e do outro. O Museu entrosa identidades e alteridades num jogo contínuo e transformador de identidades, capaz de emocionar seus visitantes conforme nos afirma Carlinhos em seu depoimento.

O Museu da Maré não se quer um museu de “gueto”, deseja dialogar com a cidade, o país e o mundo de acordo com seus dirigentes e seu *site* institucional. Confirmamos esta intenção na análise dos Livros de Assinaturas e de Depoimentos dos Visitantes, nos quais nos deparamos com diversas assinaturas de alunos de escolas municipais da região, de moradores do Timbau ou da Baixa do Sapateiro, por exemplo, e declarações de estrangeiros enaltecendo e se identificando com vários objetos museológicos.

Entendo que o Museu da Maré traduz as narrativas modernas na busca por identificações e legitimação dos processos sociais e na constituição de identidades plurais.

Ricoeur (2007) nos fala das lembranças e dos esquecimentos, do que queremos lembrar e esquecer, Pollack (1989) também. *Quais são os “silêncios” da história daquelas comunidades não representados naquele (s) museu(s)?* Com certeza todo o trabalho de memória envolve sua tensão com a história, e são os esquecimentos que possibilitam a sua reescrita da história, o devir (Ricoeur, id). Ao mesmo tempo em que vários pescadores foram entrevistados e em seguida, conheceram o Museu da Maré, se emocionavam ao verem as fotos antigas de seus “barraquinhos”, ao entrarem na palafita etc. Isto também fica registrado no Livro de Depoimentos quando alguns moradores “reclamam” porque queriam mais fotos de suas comunidades e não viram, ou algo semelhante. Porém, é dialeticamente isto o que permite a sua própria renovação, a sua reinvenção, o seu dinamismo, a sua recriação!

Por fim, nos deparamos com o eixo nodal de nossa tese, ou seja, as questões sobre educação propriamente ditas relacionadas a memória e identidade, são elas: *O Museu da Maré possui preocupação com programa educativo auxiliando no fortalecimento identitário? Qual o caminho educacional escolhido pelo(s) museus comunitário(s) para a exposição museográfica? Como é a sua prática pedagógica museal? Esse tipo de prática educativa facilita a democratização do acervo e o fortalecimento de identidades de resistência?* Observamos que o Museu da Maré constrói estratégias de possível fortalecimento identitário tanto dos pescadores, quanto de outros sujeitos coletivos da região da Maré, tendo em vista se configurar

como um museu comunitário nascido do movimento social, em que diversos de seus objetos suscitam- nos lembranças que emocionam ... Além disso, o Museu da Maré apresenta uma linguagem museográfica com referências da história local e permite que seus visitantes reflitam sobre as mesmas, se envolvam e construam memórias locais possibilitando fortalecimentos identitários. Sendo assim, percebemos e visualizamos que a dimensão educativa do Museu da Maré se faz presente desde sua exposição museográfica até aos cursos lá oferecidos à comunidade e outras atividades já descritas neste trabalho. Se através de todas essas atividades seus visitantes e usuários transformam suas subjetividades e modificam suas identidades (Silva, 1999), o Museu cumpre mais uma vez essa dimensão fundamental como um espaço não formal de educação por excelência. Entendemos que também é, muitas vezes, um espaço informal de educação através das redes educativas do cotidiano que perpassam todo aquele universo cultural.

Sendo assim, voltamos às nossas primeiras indagações: *Como e para que as comunidades populares constroem museus comunitários e ecomuseus? A construção dos museus comunitários pode fortalecer identidades nas comunidades locais nas quais se inserem?* Devemos deixar claro que nosso estudo de caso refere-se ao Museu da Maré e seu contexto, porém, entendemos que alguns eixos podem perpassar outras realidades de outros museus comunitários em linhas gerais e vários desses ângulos já foram respondidos acima. A título apenas de confirmação, no nosso entendimento o Museu da Maré é um museu comunitário e se faz comunitário, na medida em que foi criado e tem a participação cotidiana do movimento social e da comunidade local. Porém, uma das questões cruciais em nosso estudo é o fato de que ser comunitário não garante uma gestão democrática como nos alerta Chagas (2000). A memória pode ser libertadora ou dominadora depende do uso que fizermos dela. Entendemos que é necessário que os moradores da Maré se sintam contemplados, protagonistas daquela história narrada não só na exposição museológica permanente, mas também, nas histórias narradas e peças montadas baseadas nos *Contos e Lendas da Maré* e em outras ações museológicas, como confirmamos nos diferentes dados coletados.

Entendemos assim, que museus são espaços de representação do outro e de grande potencial educativo, além de guardiões e divulgadores de culturas e ideologias de grupos sociais específicos.

Por fim, a Nova Museologia nos traz novos conceitos de museu, alargando suas fronteiras tradicionais como nos afirma Aquino (2007). O Museu da Maré, como um representante dos museus comunitários, gera visões “de nós e dos outros” estabelecendo um jogo sutil e constante entre identidades e alteridades em suas memórias construídas e histórias narradas que possibilitam fortalecimentos identitários de resistência e de projeto, como nos afirma Castells (1999), tendo em vista valorizar as memórias locais e ressignificar a história da região, fatos que sem dúvida nenhuma podem favorecer o empoderamento das comunidades da Maré em suas lutas políticas, sociais e culturais. Enquanto o Museu da Maré atuar nessa tensão entre o “nós e o outro”, ele se faz cotidianamente comunitário e referenciado na coletividade como um importante “lugar de memória”, possibilitando a reconstrução do passado e a transmissão de valores, práticas sociais e culturais, logo de identidades por extensão.

O Museu da Maré nos traz também a história da pesca na região, a Maré e suas comunidades pesqueiras existentes até hoje à beira da Baía de Guanabara. Diversos objetos museológicos nos incitam e falam da água, das marés, dos “tempos dos pescadores”, elementos vivos dos tesouros históricos ali guardados, também “guardiões da memória”, de saberes, de sabedorias para a vida... Eles, pescadores, que tanto nos encantaram nessa trajetória nos mostrando como essas memórias e saberes se perpetuam nas redes educativas do cotidiano. Construir as memórias muitas vezes esquecidas desses pescadores, é um dever, uma necessidade jurídica, moral e política (Sarlo, 2007), como já afirmamos nesta tese e que também está posta no Museu da Maré.

Também, nos deparamos com a constatação de que essas redes educativas do cotidiano emergem no universo cultural do próprio Museu da Maré, embora possam se assemelhar a algo aparentemente invisível, mas presentificado de forma sutil e atuante.

Como já abordamos em capítulo anterior, Silva (1999) afirma que “educar é transformar subjetividades e produzir identidades” e foi justamente isso que nós encontramos nos desdobramentos das diversas ações do Museu da Maré.

Os Livros de Presenças e Depoimentos nos mostraram claramente que de visitantes alguns tornam-se usuários, tal a frequência com que vão ao Museu, especialmente as crianças e adolescentes. Raramente encontramos depoimentos negativos, fazendo críticas ou questionando aquele trabalho, muitos se emocionam, se vem refletidos nas memórias ali construídas e ressignificadas.

Para fechar o presente trabalho paradoxalmente “abrimos” com algumas questões instigantes sobre o futuro dos ecomuseus, que nos são colocadas pelo próprio criador da expressão ecomuseu - Hugues Varine - mas que vão para além da nossa pesquisa, se constituindo como reflexões sobre o futuro - “as marés vindouras...”-, e que imagino podem ser pensadas sobre os museus comunitários também

Varine (1996) nos fala que o chamado fracasso de alguns desses museus deveriam ter outro nome, porque há várias possibilidades de se terminar o processo dinâmico de construção de um ecomuseu: o ecomuseu pode desaparecer após preencher sua função social, pode tornar-se uma ação política, educativa etc; pode se institucionalizar e tornar-se um museu clássico emanado da comunidade; ou transformar-se num outro processo, igualmente de natureza museológica, mas muito diferente porque adaptado a uma nova geração (entrevista de Hugue Varine a Mário Chagas, Cadernos de Museologia Nº 5, 1996). Logo, todas essas questões nos fazem pensar e refletir sobre o futuro dos ecomuseus e dos museus comunitários e, em especial, do nosso objeto de estudo, o Museu da Maré . *Quais serão os fluxos vindouros das “marés” no Museu da Maré ?*

Para concluir nos remetemos à alegoria trazida pela citação abaixo de Ecléa Bosi (1979) e relacionamos memória aos espaços educativos não formais:

“Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza. Ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase.” (BOSI, id, p.89)

Como nos afirma Bosi (id), a função da memória para os gregos antigos significava vidência e êxtase. É com tal alegria e êxtase que esperamos construir memórias através também de vivências extra -muros escolares nos espaços educativos não formais e especialmente, nos “lugares de memória”, como os nos museus comunitários. O experimento de vivências educativas diferenciadas assegura, com certeza, uma ampliação da cidadania cultural.

Espero ressignificar a memória como esta aparece no conceito de rememoração em Benjamin (1985), revisitando o passado para criar um presente e futuro mais justos e igualitários para a construção de uma memória mais equânime, segundo Ricoeur uma memória feliz (Ricoeur, 2007). Lembrando mais uma vez Sarlo, a memória não é só um direito, é um dever, uma necessidade moral, jurídica e política (Sarlo, 2007).

O MUSEU DA MARÉ

**Sejam bem vindos! Esse é o nosso museu.
Ele não é um lugar para guardar objetos ou cultuar o passado.
Aqui é um lugar de vida.**

**Se a vida se conta pelos anos, dias e horas, nos relógios e calendários,
neste museu ela é contada por tempos, onde nada está acabado, tudo é mutável.
Passado, presente e futuro convivem nos tempos da água, da resistência, da ca
da criança, do cotidiano, da festa...**

São 12 tempos, como 12 são as horas do relógio e os meses do ano...

Tempos construídos a partir do lugar e da vida.

Aqui os moradores tiveram que fazer seu chão.

Fincaram as palafitas na água e sobre elas ergueram suas casas.

O tempo era contado pelo fluxo e refluxo da maré...

**Redes ao mar, aterros, rola-rola, bicas d'água,
tijolos, lajes, mutirão...**

São heranças construídas por tantas pessoas ao longo do tempo

Nesse lugar, onde muitos só enxergam a violência,

nasce uma nova maneira de contar os tempos da cidade,

a partir do diálogo, da troca e do respeito à diversidade cultural.

O Museu da Maré é um convite à construção desse novo tempo.

Foto 51 de Helena Araújo – Painel na entrada da exposição permanente do Museu da Maré